

Daniel Delouya

ANÁLISE,
TEIMOSIA
DO SINTOMA
E MIGRAÇÃO

••

Blucher

ANÁLISE, TEIMOSIA DO SINTOMA E MIGRAÇÃO

Daniel Delouya

Série Escrita Psicanalítica

Coordenação: Marina Massi

Análise, teimosia do sintoma e migração

Série Escrita Psicanalítica

© 2021 Daniel Delouya

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Bárbara Waida, Bonie Santos, Isabel Silva, Luana Negraes

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto MPMB

Capa Leandro Cunha

Aquarela da capa Helena Lacreta

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Delouya, Daniel

Análise, teimosia do sintoma e migração
/ Daniel Delouya. – São Paulo : Blucher, 2021
(Série Escrita Psicanalítica / coordenação de
Marina Massi).

344 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-311-0 (impresso)

ISBN 978-65-5506-312-7 (eletrônico)

1. Psicanálise 2. Luto I. Título

20-4266

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Sumário

Prefácio	13
Introdução: questionando as metas da psicanálise na clínica e na cultura	19
1. “O menino, meu amor”	23
2. Os gostos e os dias	55
3. Entre obediência e orgulho	77
4. O mal, sentido e dito	123
5. A palavra e seus poderes em Freud	135
6. Entre o design da letra e o corpo invisível da palavra	149
7. Entre representação e experiência emocional: contribuição para um diálogo	161
8. Simbolismo e construção: o analista como porta-voz da cultura	189
9. O negativo, sua construção e sua origem	213

10. Angústia: Freud na vizinhança de Lacan	225
11. Eu, sintoma e análise	237
12. Notas sobre ilusão em Freud	263
13. O caos, a arca e o mundo: análise, sujeição e liberdade	275
14. Metapsicologia: a criança ideal, a criança de nossas dores	297
15. Masoquismo, constituição de memória e identidade cultural	315
16. Imigração, tempo e esperança	325
Índice remissivo	341

1. “O menino, meu amor”¹

Prefácio

Deitada ao seu lado, ela lhe dirige um olhar peculiar, estranhamente familiar, de ternura, enquanto seus dedos passeiam vagarosos, delicados, sobre a cabeça dele, desde a nuca, lugar em que começam a aparecer os cabelos mais finos, e para cima até as bordas de sua testa. “Ela me ama”, notifica-se ele, surpreso, da cena que o envolve. Só mais tarde, quando a memória desse instante voltou a indagá-lo, ele pôde reconhecer nessa certeza amorosa, veiculada pelo olhar e o mover dos dedos dela sobre sua cabeça, os ecos de um ingrediente de ternura de outrora: a pena. Pena e dó da mãe pelo menino por não poder (mais?) poupar-lhe as provas da vida.

1 Trabalho apresentado e discutido numa reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) em maio de 2010, tendo como comentadores os colegas Osmar Luvison e Raya Zonana. Minha gratidão a eles. Posteriormente, uma versão deste capítulo foi publicada em *Alter*, 29(1), pp. 49-68, Brasília, 2011.

Estas que atravessa e aquelas que ainda o aguardam, longe dela, fora de seu alcance. É o amor da mãe pelo menino!

O reconhecimento doloroso de que está descoberto, devendo abdicar de uma garantia imaginária de proteção da mulher, do refúgio junto a ela, engaja esse homem em um luto que convoca o amor da mãe, que ecoa nela a noção dos limites do seu poder sobre os destinos do menino. Isso imanta o amor da pena – “Ah, se eu pudesse; se isso estivesse ao meu alcance” –, e a ilusão de garantias amorosas infantis é substituída pela companhia a distância, velando pelo filho em sua luta inexoravelmente solitária.

É, também, por meio de um toque que se testemunha o amor do pai ao menino como companhia, embora de diferente ordem. Um homem atinge um clarão sobre uma cena que o habita há várias décadas: “Quase tudo que herdei dele se resume nesse instante do leve e caloroso toque de sua mão sobre minha nuca”. Caminhava ao seu lado, um passo à sua frente. Ele, de costume, quieto, e eu, também, silencioso e cabisbaixo – calando em mim, frustrado e raivoso, a revolta. Não contra ele, mas contra uma injusta e discriminatória lei – “por ser menino... deveria!” –, que me arrancava do doce aconchego junto a minha mãe e minhas irmãs. Porém, o seu toque, de uma misteriosa força, dissolvia, aos poucos, a amargura, encorajando-me a vislumbrar a promessa escondida na nova realidade, ao acordar e aguçar meus sentidos para a tomada de consciência do ambiente ao redor e da paisagem do caminho, além de insuflar, de repente, um anseio curioso pelo lugar e pelas atividades que nos aguardavam.

Meu pai não me explicava de antemão a razão de nossa missão ou a que serviria. Ele apenas aguardava perto da porta, assistindo complacente – embora com um rosto plasmado de um discreto sorriso de ironia – o último trato que minha mãe dava na minha aparência (para que ela “não passasse vergonha aos olhos de todo

“vamos”), ao cabo do qual ele anunciava em voz baixa e afável, “vamos”. Eu era ainda pequeno para entender aquilo que eu viria a saber mais tarde a partir dos outros, quando ele já não estivesse mais: ele almejava que eu pudesse me beneficiar, com esse seu investimento, de algo que ele próprio não tivera condições de realizar quando jovem. Ele depositara essa esperança em mim, mas logo partiu, não havendo mais tempo para esse diálogo! Porém, nesse toque de segundos reconheço hoje um patrimônio inestimável: a companhia viva do amor do pai por mim, pelo seu menino.

Introdução

Um sonho em seguida a um marco, o dia de aniversário da morte do meu pai, celebrado, há algumas décadas, em uma espécie de ritual privado (clarão que obtive só a partir do sonho),² confrontou-me, novamente, com as manifestações de meu trabalho de luto, bem como lançou nova luz sobre as dificuldades do momento na escuta de uma paciente. Tive, assim, a oportunidade de retomar um trecho recente, anuviado e moroso, de um longo trajeto junto a uma paciente, para o exame de seu cruzamento com alguns fragmentos de elaboração do meu luto.

Quando surgiu o título em minha mente, eu sabia que estava pronto para escrever algo sobre ela e o trabalho com ela. Estranho, fazia um tempo que essa ideia havia se imposto. Por que isso? Não havia nenhuma descoberta ou ideia especial a expor que me incitasse a usar o material do nosso trabalho. E, no entanto, algo

2 Como se eu me orientasse e me antecipasse a essa celebração por um sinal de comoção, semelhante àquele que impregna um público e o impele a se aprontar para a passagem de uma comitiva, enxergando de longe seus figurinos e seguindo-os com o olhar, sem parar, até desfilarem à sua frente, momento após o qual inicia sua volta para sua casa e sua rotina.

vinha e voltava, atravessando a mente e formulando-se, por vezes, em forma de injunção: “ela está encerrando um longo e intenso trabalho contigo, de quase treze anos, e, portanto, há de se registrar alguma coisa disso tudo!”. Uma ideia absurda, ao modo de um mando obsessivo, que emergia e submergia ao longo do ano – sobretudo no segundo semestre de 2009 –, e que hoje identifico como uma formação de compromisso entre a pressão de algo em direção à consciência e outra força que se opunha a ela. A vinda do título, na sequência do meu sonho, anunciava certa liberação deste recalcado. As palavras (agora no título), ao surgirem, carregavam, trêmulas, o sabor agrídoce da evocação da voz de um adulto de outrora, da minha infância: “*mon fils, mon chéri*”; e que, como se pode notar – aliás, para meu espanto, já que fico muitas vezes indignado com a traição na tradução de títulos de livros e filmes –, sofreu certa mudança na tradução para o português. A língua impõe, a despeito de nós, suas invisíveis regras.³

Em meu sonho, Lula (o presidente) anunciava a construção de um monumento em homenagem ao amor a seu filho, abrindo o local à visitação do público. O lugar e a obra estavam ainda em fase de experimentação, para a avaliação do público. Eis o preâmbulo, sem imagens, do sonho. Na primeira cena, lá estava eu, sobre as rochas, em uma altura considerável acima do nível do mar, apreciando a obra de bronze, a partir da única perspectiva possível – pelas costas do pai e do filho: os dois sentados, um pouco curvados, um ao lado do outro, a uma pequena distância de 20 a 30 centímetros,

3 Posteriormente, dei-me conta do aspecto defensivo dessa afirmação. O menino, o fascínio que gera na mente dos pais, dos adultos, situa-se no campo de especularidade amorosa do narcisismo originário (Freud, 1914/2010a), ao passo que o “filho”, citado em francês (da lembrança), insere-se em certa linhagem das gerações (filho de...), marcada pela ordem da castração, e é este, o filho, que foi recalcado na tradução. Eis um ato de busca de reforço e restauração do narcisismo originário, do amor incondicional.

o filho um pouco adiantado em relação à linha de frente, pela qual ambos avistam o mar, enquanto o pai toca, de leve – abraça – com a mão direita, pelas pontas dos dedos, as costas do menino. Essa é a primeira parte do sonho, que interrompo aqui para levantar os pontos que me interessam.

O porte, a postura e as formas – das costas e cabeleira – do pai e do filho correspondem fielmente aos meus e do meu filho, com seus evidentes traços de semelhança, bem como se superpõem aos que existiam entre meu pai e eu criança.⁴ O contexto político relaciona-se a um fato inédito na minha trajetória profissional, ocorrido cerca de dez dias antes do sonho, quando fui eleito para a Comissão de Ensino da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Pareceu-me que o sonho se aproveitou desse resto diurno, elegendo-o como apoio para a seguinte realização: o ato de prestar homenagem torna o ritual privado – de cunho obsessivo, e prensado nas contrações de um longo luto – passível de transformação e de transição para o âmbito público, cultural, configurando certa cura alcançada pela análise e que se reflete, também, no presente ato de comunicação junto aos meus colegas. Mas talvez o ponto nodal desse processo esteja no resgate ou recuperação, neste caso, do amor do menino.

O trabalho de luto – que constitui o eixo central da psicanálise, desde seus inícios, quando de sua invenção, e ao longo de toda a história de sua prática – visa, como atestam os fragmentos no prefácio, a uma recuperação que se efetua sobre o pano de fundo do reconhecimento de uma perda incontornável, e a instauração da marca desta falta. Resgate e recuperação, portanto, da libido, do amor, do corpo; em soma, daquilo que os realiza e os representa:

4 A diferença das idades (do meu pai para mim e de mim para meu filho) é, também, quase idêntica, sendo que alcancei em 2010 a idade com que meu pai faleceu.

a fala, a palavra da linguagem, instalando-se sob o novo regime da ausência. Resgate que impõe todo um trabalho, o do luto, pois fadado a lidar com as ambivalências do amor e do ódio situadas no bojo do conflito, e de toda a dor de separação que se encontra aí em jogo.

Amar o menino, o amor ao menino e o amor do menino são todos elementos interligados, longamente revisitados na psicanálise freudiana, vinculados ao luto e inerentes à instauração do singular desejo no homem e na mulher. Não obstante, o foco de nosso exame é um dos trechos finais do caminho junto a uma paciente, quando nos encontramos sob fortes neblinas, em meio às quais se vislumbravam vestígios familiares, mas sem ter a noção acurada desses vestígios. Tudo ocorria – assim viemos a saber depois – em função do trabalho de luto no analista, enlaçado ao da paciente, ao redor de algo que denominei de amor ao (do) menino, sobre os quais um *insight* é alcançado após certa batalha vivida em surdina.⁵ Talvez qualquer *insight* no analista sobre algum trabalho feito junto ao paciente ocorra de modo semelhante, atingindo a consciência *après-coup*, característica do trabalho do luto, em função da interlocução entre os “materiais” do paciente e do analista.

Tempo I – Temer pelas “crianças”

O temor dela pelas “crianças” desencadeou uma procura pela terapia. Perto do fim do período escolar dos filhos, e, depois, no vestibular e com a entrada deles na faculdade, surge nela um temor apoiado nos tempos de suas baladas noturnas. “Eles correm um

5 A ideia da batalha sob nuvens e neblinas foi evocada do seminal trabalho de Winnicott (1963/1990). Foi a partir do valor da depressão que Fédida (2001) desenvolveu em grande parte o tema da depressividade, que retoma o amplo universo ao qual pertence o trabalho do luto nas obras de Freud e Klein.

perigo, podem sofrer um assalto fatal, morrer”, o que a impede de pegar no sono antes de eles voltarem para a casa e se deitarem. As proporções desta preocupação, comum nos pais de adolescentes, aumentaram de tal modo que ela invadiu o seu dia como um todo, mesclando os temores em uma marcante reação depressiva. A consciência crescente de sua suspeita de que algo que ela carrega desde sempre consigo – a bolinação pelo pai quando criança e púbere – pudesse ter alguma relação com o grau de sofrimento atual a levou a se dirigir, pela primeira vez, em busca de uma ajuda. Porém, o desenrolar da narrativa a partir do referido indício traumático, que ofereci ao leitor como passo de abertura do seu “caso”, nunca se constituiu como tal em seu relato; a história teve de ser reconstruída pela junção dos destroços de sua fala.

Uma intensidade continuamente desperta, à espera de realização, e cuja essência permanece até hoje, emanava de seu corpo. Intensidade que a emudecia, introduzindo cunhas que desviavam as correntes oriundas da nascente das palavras. Um ar tenso de silêncio – que eu me esforçava em conter, segurar, aguardando atento pelas imagens das cenas em jogo – era interrompido por palavras rachadas e, depois, por frases cortadas, dilaceradas, lançando-me, de início, em fantasmas em que “alguém” encostava-a contra a parede, e em outros de assédio e assalto, nas quais o agente nem sempre se fundia a mim, embora se confundisse, por instantes, comigo. As consequências de tal invasão, configurando a violência do corpo e da fala, instrumentaram-me, com o tempo, a ajustar as distâncias de nossa intimidade. Pude, assim, atingir alguma escuta como um helicóptero que consegue resgatar em sua câmara o desenho do curso do rio ou o de uma estrada principal, em meio às suas rupturas e aos destroços deixados pela catástrofe natural. Frações e migalhas de palavras e outras inteiras, mas desconexas de suas vizinhanças, além de frases órfãs, telegráficas, cindidas de seu contexto, puderam reencontrar as figuras e as cenas

de origem de seu trauma, mediante o esforço paciente da escuta em acertar os focos de seu olhar. Essa remontagem, digna da comparação freudiana com a investigação arqueológica, não podia contar, como essa última, com as referências da história documentada, embora emitisse sinais de sua existência por detrás de uma rígida censura.

As palavras, no ato de sua realização alucinatória, ao tocar e impactar, revelam seus efeitos hipnóticos como extensão da moção centrífuga e polimorfa do corpo sexual sobre o mundo: é o que Freud observa desde o início, em 1886, e sintetiza no belo ensaio “Tratamento psíquico (tratamento da alma)” (1890/2002), e amadurece no livro magistral de 1913, *Totem e tabu*. Porém, para se tornar linguagem, a palavra deve ser cravada, também, pela marca do posterior reconhecimento da falta, da perda e do luto – ou seja, da separação –, para que seja dotada do poder de ligação e de comunicação como se figura na narrativa do herói mítico do assassinato do pai, sendo ele o primeiro poeta que traz a palavra aos homens (Freud, 1921/2011). Palavra nascida no e do luto, sob depressividade, necessária à aquisição da linguagem, do psíquico, e que Bion acrescenta à posição depressiva de M. Klein. A violência na paciente, assistida ao vivo (no primeiro ano, face a face) – no ataque desferido à junção dos fonemas em palavras, e depois à sua conjugação em frases e a articulação destas em narrativa –, devia-se, no meu entender, ao trauma do horror do gozo do incesto do encontro. Ela não teria como descrever (como outras pacientes) – justamente pela carência do trabalho depressivo sobre o corpo e a palavra – uma cena de sua bolinação.

Uma hipótese geral e corriqueira surgia de imediato nos primeiros encontros: a aproximação da vida adulta de seus filhos, o prenúncio de sua partida de casa, a defrontaria, insuportavelmente, com o marido, ou seja, com o casamento e o seu desejo. Um

dia conta-me em voz baixa e com frases cortadas, entremeadas por longas pausas: “casei muito jovem, queria me livrar daquilo... mas o namorado [futuro marido] não foi diferente [dele, do pai]... Quando lhe contei, ele logo... [ficou excitado] virou-me de costas, tirou minha calcinha e...”. Com o passar dos dias, surgem sonhos que aos poucos traçam os horizontes do caminho da análise, e que descrevi no Capítulo 8, sobre simbolismo e construção. Eis a sua reprodução:

Uma paciente relata no período inicial de sua análise que tem tido sonhos com a cena recorrente de se encontrar em casarões de estranhos onde se engaja, aflita, na limpeza e na remoção de lixo. Na véspera sonhou que, ao varrer o chão, aproximava-se da porta da entrada, avistando, lá fora, seu falecido pai, que se dirigia a ela em tom irônico e de zombaria: “limpando, né?”, como se dizendo, penso eu, “pode limpar que vou sujar novamente”. Ela foi bolinada pelo pai desde sua tenra idade. A casa como símbolo do próprio corpo vem, imediatamente, à minha mente, conferindo um sentido ao campo da transferência: neste início da análise ela mal conseguia falar, havendo certo esforço para concluir as frases. Uma tensão angustiante, de um temor misturado a uma excitação, permeava o nosso ambiente. Após dias, uma lembrança irrompe em seu tenso silêncio: a vivência nítida de estranheza na escola, junto às crianças (como se estivesse “suja”), após o pai retirá-la de madrugada do quarto no qual dormia com as irmãs, para se consolar da morte de seu pai (o avô da paciente), ocorrida na véspera. Embora eu nunca lhe houvesse explicitado o elo entre casa e corpo, ele constituiu o

foi condutor do trabalho da análise nesta via regressiva da transferência. Os sonhos de casarões nos acompanharam por alguns anos, transformando-se em imóveis próprios, inicialmente com espaços vazios, limpos, mas visitados pelos raios de sol e adquirindo compartimentos, móveis em que ela passa a encontrar e ordenar suas posses e receber estrangeiros...

O último trecho dessa citação descreve uma evolução ao longo de alguns anos, durante os quais havia outro sonho típico, desencadeando uma série análoga. Nela, ela estava fadada a perambular, virando um andarilho. No início dessa série, uma senhora brava a tira da companhia das crianças, e ela, adolescente, se vê, descalçada e seminua (na parte de cima, seios expostos), obrigada a vagar, sem direção, pelas margens da cidade. Esse quadro, de rejeição, desalojamento e abandono, transforma-se, com os anos, como na evolução dos sonhos de casarões, em incursões, expedições nas quais prova os prazeres dos passeios e assume sua curiosidade quanto aos meios e às potencialidades reservadas no mundo, no estrangeiro. No estágio avançado dessa série, há o sonho da noiva – fugindo do altar, pula a janela em direção a um campo esverdeado –, cuja narração nos diverte ao veicular-se por raros e inusitados tons joiais, de excitação rebelde, contestação e comemoração.

Tempo II – O trauma, o belo e a tristeza

Vou me deslocar dessa visão panorâmica – que só pretendia indicar os horizontes do andar da análise – para o chão da própria cena e sua trama. Uma espécie de retiro ao universo estético começou a se deslindar a nossa frente. Não só na maneira infalivelmente combinada de seu vestir (entre as cores da roupa, sapato e bolsa, tudo

em um estilo discreto), mas em seu apego, no início da sessão, aos estímulos e objetos do ambiente: as cores do amanhecer, o tempo dos dias, o estado das plantas da nossa varanda e o canto dos pássaros e outras vozes que ecoavam de fora. O que me levou a tomar consciência do que circundava o prédio do consultório: sua fauna natural, os choros de pequenos que ela identificou, dando apoio à noção de existência de uma escolinha, o latido de cachorros e a imaginação das dimensões das casas e seus moradores. Ainda no terreno estético, mas com enfoque muito mais demográfico, demonstrou, em certos dias, a capacidade de retratar, como um fotógrafo sensível, situações e pessoas avistadas no caminho para a sessão. No prédio do consultório, manobrista, porteiro e faxineiro e alguns dos transeuntes, da porta da entrada e do elevador, foram captados, em dias diferentes, pela lente sutil de seu compadecimento. Nessa abertura íntima de luz da câmera de sua psique, revelou-se a beleza humana da miséria, da tristeza, da aflição e do sentimento de insuficiência que algumas dessas pessoas experimentam em relação a si mesmas.

Juntei duas séries distintas de vivências que considero estéticas – uma associada à imersão no espaço e tempo de formas do ambiente, a segunda vinculada à configuração do objeto pela identificação piedosa com ele –, na ordem de seu aparecimento, mas logo ambas viriam a se intercalar neste segundo tempo da análise. A imersão estética é uma nova edição do modo defensivo de lidar com o traumatismo sexual do encontro, também comigo. Ao invés do passeio para dentro de si, há uma fuga para o fora. A regressão almejada no trabalho analítico em que, nas palavras de Fédida (2001), se negativa alucinatoriamente a presença do encontro para se retirar, a partir dele, ao sonhar da linguagem e da memória, requer certa solidez narcísica do eu. Caso contrário, a moção regressiva da situação analítica ameaça desmontar e decompor a estrutura narcísica do eu. O trauma, neste caso, parece ter afetado

o eu, introduzindo fissuras e rachaduras na sua estrutura, como descrevem Ferenczi (1931/1974b, 1933/1974c) e Freud (1934-1938/2014, 1939/2018). Aqui, a imersão estética se junta à tentativa de reconstituição do narcisismo de origem, que Freud identifica na sobrevalorização fetichista dos atributos do objeto com que o sujeito almeja desdiferenciar-se, fundir-se nele (Freud, 1905/2016, 1914/2010a). No entanto, sendo o contato sexual insuportável, esmagador em seu impacto traumático, cria-se uma exasperação em resgatar este eu (purificado e imaginário de origem), alhures, a salvo do contato com o objeto, em desvio do corpo e do rosto do outro.⁶ Algo que os cineastas exploram em cenas de estupro, nas quais a vítima deixa de resistir ao agressor, desliga-se do corpo molestado, o próprio, para se lançar, olhar e alma, a distância, fixando-se no céu ou em uma beldade natural, para ali reencontrar o corpo em si. É o que afigura no sonho da paciente em que ela, estando em um ônibus lotado, capta uma exótica paisagem de deserto pela fresta que se abre em direção à janela, entre os corpos vivos amontoados sobre ela, no limite de esmagá-la.

Não é preciso dizer que a sala de análise, bem como o seu guardião – eu, em meu vestir e também nos meus estados de alma –, foram alvo dessas sucessivas vertentes de apreensão estética. A última, a identificação piedosa, centrava-se na atenção ao estado de alma de homens jovens (alguns estranhos e outros do meio familiar). Sendo evoluída, porque situada no terreno intersubjetivo, essa corrente prestou-se, após certa elaboração do contexto traumático (ver a seguir), ao trabalho de memória: ela lembra, então,

6 Este desvio narcísico, para se recompor alhures, a salvo ou atravessando o objeto e o seu olhar, é certamente, como indica a experiência com bebês e crianças pequenas, um recurso comum de resguardo de um si diante do impacto do objeto, de sua beleza. Sua importância no autismo tem sido articulada, justamente, no contexto de uma metapsicologia estética, como na obra de D. Meltzer.

de ter sido, desde jovem, atenta ao estado de mente do pai, sobretudo em festas nas quais ele passava a se embriagar – o que a levava a tentar dar fim ao estoque das bebidas alcoólicas e, na noite de Natal, a engolir os restos de bebida deixados nos copos e nas garrafas para evitar cenas constrangedoras em que ele agredia a mãe ou esboçava tentativas de assédio em direção a ela na frente de todos. A tristeza do pai surge ali com força.

Referindo-se a episódios revelados na mídia – moléstia de moças por um maníaco, de pacientes por um médico ou de crianças por sequestradores –, ela comenta, em triste e resignada voz: “difícil saber quem dos dois (molestador ou molestado) é a verdadeira vítima”. A configuração estética, relativa a essa identificação piedosa, adquire então um contexto no célebre modelo ferencziano da confusão de línguas, em que a criança passa a se encarregar de uma carência do adulto violador, tornando-se seu psiquiatra (seu médico de alma). Winnicott ampliou o modelo ferencziano para além do explícito assédio sexual da criança pelo adulto. Um dia – para minha surpresa, já que ela não pertencia ao meio psi –, se intriga (a partir de uma matéria de jornal) com o bebê sábio (Ferenczi, 1923/1974a) e pede-me esclarecimentos.⁷ Nesse período, ela

7 Os seguidores (sendo alguns deles pacientes) de Ferenczi apressaram-se em batizar a referida identificação piedosa de “identificação ao agressor”. Em Ferenczi (e Winnicott), a confusão de línguas e sua consequente tentativa de salvar o adulto, ou estabelecer com ele um conluio (falso *self*, Winnicott), resultam na divisão do eu como medida de sobreviver ao encontro traumático. No final da obra, Freud reconhece, em certos casos, tal eventualidade. Entretanto, na nossa paciente parece haver uma formação intermediária entre essa concepção e uma primeira de Freud. Nesta, o sobrepeso traumático desemboca na piedade com a passagem para a latência e a puberdade, em que a solidão emergente, com a descoberta do objeto externo e a violência sexual que esta acarreta, põe em xeque a sustentação da sexualidade pela ternura infantil adquirida junto ao objeto de origem. A pena pelo adulto carente é pena da criança exposta precocemente, desamparada ante a sexualidade, e que, ao tornar-se adulta, se identifica com o adulto “cuidador” de outrora, retomando,

atravessa uma fase penosa, de uma grande importância, na qual resiste aos apelos do marido, dos filhos e da família como um todo: ela contém, com muito esforço, a aflição ante o refúgio do marido na bebida, no *whisky*, ao fim de cada jornada, que se agrava com sua demissão de um posto de longos anos, bem como afasta os seus avanços sexuais, de caráter quase canibal – isto é, oriundos de uma carência melancólica que atravessa o casal nos longos anos de convívio (consciência que ela passa a adquirir). Os liames que ligam o marido ao pai não nos – a mim e a ela – escaparam.

Nesse momento, ela toma uma decisão que surpreende a todos – depois de ter voltado a trabalhar no terceiro ano de análise, resolve agora completar seus estudos, inicialmente os secundários, para logo arriscar-se a prestar a universidade. Quando consuma a conquista, ela tem de se haver não só com a ironia de muitos – filhos, marido, irmãs e cunhadas –, mas também com suas retaliações no plano econômico (relativo à análise e à faculdade). O filho, o caçula, com quem sempre travou uma relação muito próxima, zanga-se e acusa-a de ser leviana e irresponsável em relação a todos. Porém, na medida em que avança e floresce – encantando-se

com isso, as pegadas de origem dessa corrente afetiva na sexualidade infantil junto a ele. Esse trabalho, na segunda elaboração do Édipo, disparado pelas correntes sexuais da puberdade, prossegue em direção à vida adulta. Porém, pode estancar caso o sujeito não houvesse tido, em sua infância, a cobertura narcísica adequada necessária ao apoio da expansão infantil sexual da criança para permitir-lhe o brincar e garantir-lhe o *playground* terno. A insuficiência deste subsídio no adulto de então fez o último recobrá-la da própria criança. Quanto maior a carência do sucedâneo da ternura infantil no adulto, mais a consequência da cisão na criança torna-se inevitável, já que a integridade do eu se deve ao aporte do amor primário, da ternura infantil proporcionada pelo adulto. O novo adulto, carente, repete então o pedido de socorro da “criança no adulto” sem poder dispor de meios de amparo para ela. Considero este desenrolar na paciente desembocando em uma configuração intermediária, entre histeria e *borderline*, não vertendo por inteiro para uma constelação-limite grave como nos pacientes descritos por Ferenczi.

com a vida nova, de estudos (de autores, análise literária e de línguas) e convívio entre jovens (que admiram sua séria dedicação e presteza e a chamam para sair, dividindo com ela seus conflitos e afetos) –, ela se ressentida, pena-se em dor da tristeza da perda do aconchego junto aos seus: “algo importante se perdeu”, diz ela, “quase tudo que era eu, que era meu”. Uma estranha no ninho, no limite do suportável. Incontornável, a mudança a faz acordar, em luto, da imaginada cobertura familiar, na qual corria o perigo de ficar refém de sua dócil disponibilidade a todos, deixando de lado os cuidados de si.

Um conflito doloroso é vivido na travessia da puberdade, sendo a segunda volta da espiral em torno do complexo de castração, quando (última nota) põe-se em xeque a integração do amor primário da ternura infantil, como apoio para o direcionamento aos objetos lá fora. O aprisionamento, quando criança, na carência do adulto, na sua depressão, prejudicou essa capacidade, deflagrando-se nessa saída para a vida adulta. O encobrimento e o amortecimento desse teste pela escolha do parceiro e pelos cuidados despendidos aos filhos mascaram o fracasso na constituição do desejo.

Ocorre que nessa análise, após anos de trabalho, o conflito entre essas correntes, as ternas e as da realização simbólica (sexual, feminina), pode se tecer e se tramar sob novos começos. A paciente persistiu em seu caminho, entregando-se à exigência de seu desejo, a despeito do alto custo em resistir aos agressivos apelos do entorno e de sua carência.⁸ Aos poucos, descobre o contraste

8 Sua identificação não se restringia aos homens, dando-se também com as mulheres. Porém, o compadecimento, aqui, era com o destino e a sorte delas, suas fragilidades, desvantagens sociais e frustração matrimonial, manifestando mais resignação e conformação que revolta e protesto. O que se alinhava com a visão de sua mãe como um ser frágil e indefeso (quase irmã, dizia ela), algo que vários autores, como Bollas, realçam em relação às figuras maternas nos casos de bolinação pelo pai. Ela encontrou um suporte importante em sua

entre as demandas de proteção e de retaguarda de seu filho, de um lado, e, de outro, o corpo dele, um homem,⁹ ficando farta de suas queixas. As trocas e seus planos, com marido e filho, tomam outro rumo. Ela passa a explorar suas afinidades com a filha, a primogênita. A dor mitiga-se, mas não some. No enterro da sogra ela não consegue aproximar-se do marido. Composta, porém triste, assiste, a distância, o conforto prestado ao marido pela filha: assim, ela contém, *a posteriori*, o apelo de tristeza do seu próprio pai. Em um feriado, na casa da mãe no interior, a irmã evoca, em meio à dança ao som de MPB, a alegria do falecido pai, junto de quem cantavam e dançavam. A paciente logo contesta, aludindo para o outro lado, obscuro, dele. A irmã irrita-se, menosprezando o seu comentário. Naquele dia, no caminho para São Paulo, a paciente prende-se às áreas queimadas que avista pela janela do carro. As queimadas deixadas pelo pai na sua pele, comprometendo suas referências autoeróticas, simbólicas, tornam-se solo do trabalho depressivo (Delouya, 2002) – com a mágoa e o ressentimento que lhe cabem – para o resgate dessas, o que se assemelha ao fenômeno da sucessão na ecologia, que se refere à série dos vegetais que surgem na regeneração da terra pós-queimada.

Tempo III – O menino e o luto na feminilidade

A reação da irmã fazia parte de uma comunhão feminina em torno do pai, que garantia ao último amor e perdão: caçula, na sequência

avó materna, que desde sempre morou junto com sua família, pois havia se separado do avô depois de descobrir, após poucos anos de seu casamento, aos 24 anos, que ele a traía.

9 A proibição do incesto incide neste reconhecimento, bem como sua “leviandade” aos olhos do filho denunciava a quebra, até então entre a mãe e o filho, do engajamento secreto e incestuoso infantil.

de uma série de irmãs, ele era o menino adorado delas. Isso também se refletiu no lugar que ocupou no coração de suas próprias filhas, de seus netos e de sua sogra (a avó da paciente), esta que soube, em primeira mão, de seus avanços sobre sua neta. Embora ficasse claro, a partir da exposição anterior, que a análise permitiu à paciente tomar certo recuo em relação a essa comunhão, no que concerne às demandas afetivas do marido, bem como às do filho – situados, certamente, em um universo mais ameno que aquele do pai, porém não ausentes de problemas (ver adiante) – e às do ambiente familiar como um todo, ela pagava um preço em prol de seu próprio crescimento, havia um caminho mais cerrado ainda nessa elaboração da perda e do luto em torno desse lugar de fala ocupado pelo menino. E isso também incidiu sobre o menino no e do analista. Vou passar a descrever, na medida do possível, alguns elementos dos últimos dois anos do trabalho analítico.

Dois episódios, próximos a sua formatura, a frearam: a gravidez da filha, portanto, a espera do primeiro neto, de um lado, e o surto de pânico do filho, de outro, abalam o eixo de seus movimentos. O filho, que sempre a inseria em sua vida – amizades, namoros e escolhas profissionais –, demonstrou, ao longo dos anos, dificuldades em se adaptar, a despeito de suas habilidades técnicas, ao mundo corporativo para o qual se encaminhava. Após frustrar-se com o projeto da mãe, ensaiou uma última tentativa, sugerindo a ela que largasse o que fazia e o ajudasse a montar o seu próprio negócio. A filha acenava contar com a retaguarda da mãe na gravidez e nos futuros cuidados do bebê, cujo nascimento coincidia com o fim da “aventura” da paciente na vida lá fora, na universidade. O filho logo se deu conta de que a mãe não era mais a mesma e, ante a decepção e a desistência de ambas as partes, passou a mirar e apostar na acolhida da futura sogra e sua casa.

Esses são os dados de fundo deste período. Dias antes do nascimento do neto, ela sonha com um menino que se joga/cai em água

funda e escura, e ela, ao pular no lago para salvá-lo, depara-se com embalagens sucessivas que vai tirando, aflita, uma após outra, em busca do menino. Exasperação que evoca a excitação desesperada de crianças pequenas em desembulhar os seus presentes de natal. Ganhar presente, ganhar um neném! Para ela, a questão é como encarar em sonho um menino suicida; perdê-lo, quando ela está prestes a ganhar um neto. Isso faz lembrar Freud, que conclui que o falo, o desejo (na pulsão autoerótica) se ganha com a perda do objeto; descobrindo-o e reencontrando-o na perda. O neto nasce e nos alegra; ela o acompanha diariamente, e eu recebo notícias a cada três dias, porém o luto prossegue. Poucas semanas após o neto nascer, seu filho sofre no trabalho um ataque de pânico que, curiosamente, coincide com o seu firmamento na empresa e o início de seu MBA. Uma cena impõe-se: depois de atender o chamado do psiquiatra da empresa, ela conversa com ele e, ao sair, observa o filho na sala de espera, fisgado pela tela do *notebook*. “Vi ali um menino, é apenas um menino”, e eu complemento: “vulnerável”. Sim, responde ela, e se pergunta como se pode querer do menino que vire homem, carregue as coisas, case?! O amor, a pena e a nostalgia pairam no ar de nosso ambiente.

Daí em diante minha memória enguiça-se. Na esteira desta entrada em neblina, ela menciona um livro cujo título eu não conseguia guardar, tendo tido também dificuldades em captar a sinopse e os trechos a partir dos quais ela associava. Guardei só o nome do autor, Philip Roth, por ele ter marcado minhas leituras da adolescência. Nesse momento eu atravesso um período difícil, retomo minha análise, e a paciente, para o meu duplo conforto, se “volta para seus afazeres”, imergindo em suas transferências, não notando e/ou interrogando meu estado, como fazia em tempos anteriores (I e II). Ela deixou de se nutrir, ao modo do bebê sábio ferenciano, da carência dos homens, ou de escrutinar, ao modo do bebê winnicottiano, o rosto triste e retirado da mãe. À exceção de um

dia em que comenta, como outros, que emagreci consideravelmente, mas logo reflete sobre o meu feito sanfona, que emagreço para logo ganhar peso. Previsão que se confirmara. Atender a paciente, estar com ela, era perfeitamente tolerável, embora eu estivesse embotado, imerso em luto, não podendo acompanhá-la como antes.

Assim passamos alguns meses, eu “dirigindo sob neblinas” e ela “seguindo seus afazeres” no divã. Curiosamente, continua a fazer referência a Roth, até que, em meados de agosto de 2009, ela manifesta a vontade de adquirir o livro de David Grossman, com cuja sinopse ela se deparara no *Estadão*. Fico impactado, já que eu havia acabado de receber o livro de uma amiga muito próxima de Israel, que passara por São Paulo. Não imaginava que o livro já havia sido traduzido, mas logo entendi a razão do feito relâmpago: o autor, um dos mais significativos em Israel, além de pacifista contundente, perdera seu filho, Uri (que concluía seus três anos do serviço militar), em agosto de 2006, na última batalha do exército israelense contra o grupo Hizbolath, quando ele, Grossman, estava ocupado com as provas do livro. O título, *Mulher foge de notícia* (na edição brasileira, *A mulher foge*), reflete o centro da trama em torno da recusa de uma mãe em aceitar que o Estado tenha o direito de noticiar a eventual morte do filho. Este acabara de encerrar seu serviço militar, mas, como reservista, participa de uma operação militar no Líbano. Eu não tinha a intenção de já ler o livro, mas parece que a evocação feita por ela incitou-me, dias depois, a embarcar na sua leitura, ficando sabendo que ela fizera o mesmo. Nas semanas que se seguiram, imergimos numa troca por meio da qual me percebi, para minha surpresa, emergindo da área das neblinas. O mundo do livro surgiu em nosso diálogo em um ritmo delicioso, embora cada um de nós fosse guiado por outras referências. Eu lia em hebraico, além de ter familiaridade com o ambiente (lugares e paisagens) e a sua mobília cultural (nomes, tradição, história, política e costumes); ela lia em português, tendo talvez a vantagem

de ser estrangeira a tais contextos, podendo se entregar, exclusivamente, à narrativa e sua trama afetiva. Fiquei admirado com a sua sensível e apurada leitura, bem como surpreso de sermos pegos, com frequência, pelas mesmas passagens. O autor é sofisticado, e a narrativa, longa (634 páginas em hebraico e mais do que isso em português), e quando fica sabendo que eu terminei de ler o livro antes dela, ela se espanta, se ressentida, talvez, e eu fico quase embaraçado, justificando-me...

Delonguei-me sobre este período porque toca o cerne da questão. A narrativa de Grossman, da fuga da mulher ante a ameaça de perder o filho – perdê-lo para a vida e a cultura – é fascinante, desenrolando-se em vários níveis. O romance inicia com o encontro dos adolescentes Avram, Ilan e Orah no decorrer de sua internação num hospital de Jerusalém, durante a Guerra dos Seis Dias (em 1967), devida a uma infecção grave, contagiosa, que os deixa em estado febril crítico, sob um perigo letal. Nessa situação de isolamento, os três acabam criando entre eles uma paixão fervorosa. Essa é a introdução ao capítulo seguinte, que pula trinta anos para focar a ida de Ofer, filho de Orah, para uma operação militar no Líbano. Ofer finaliza o serviço militar e está pronto para comemorar com Orah sua reinserção na vida civil com um passeio pela Galileia, mas, em função do alerta militar, dirige-se à fronteira. A mãe, inconformada, decide seguir seu plano de viagem, fugindo assim da eventual notícia. Orah é recém-separada de Ilan, que está, nesse início de guerra, com o filho mais velho, Adam, em passeio pelas ilhas Galápagos. Avram, pai biológico de Ofer, renegara o filho desde a sua concepção, não querendo ver ou saber dele, porém é ele quem liga para Orah antes de ela fugir, procurando certificar-se da volta do filho à vida civil: ou seja, verifica se está ao abrigo do perigo de vida (medo que os dois compartilham nos três anos do serviço militar), mas obtém a má notícia de que Ofer acabara de voltar para o fronte. Orah cata as duas mochilas de viagem, dela

e do filho, e arrasta Avram junto com ela. Na caminhada que os dois empreendem pelas montanhas da Galileia, abre-se ao leitor a história de uma paixão, louca e doída, de mais trinta anos, entre Avram, Orah e Ilan, sobretudo de cada um dos homens com ela e entre os dois homens, de lealdade e entrega, em vista dela, e a história pregressa de cada um até a segunda geração, Adam e Ofer. Tudo, porém, se aglutina em torno do grande trauma da Guerra do Dia do Perdão (em outubro de 1973) quando, na véspera desse feriado, Orah é chamada a escolher qual desses dois amantes, soldados em fim de serviço no canal de Suez, fronteira com o Egito, sairá de folga. Isso acarreta, a partir do massivo ataque surpresa dos egípcios, o ferimento, captura e tortura de Avram pelo inimigo. Quando volta, Avram é outro, fora de possibilidade de circulação no meio humano, não podendo mais recobrar a confiança. A vida entre Orah e Ilan constrói-se na sombra do apagamento de Avram. Este rechaça Ilan e Orah de sua vida, sobretudo quando Orah arranca dele, desafiando seu brochar sexual, uma semente fecundante, gerando Ofer, que cresce entre ela, Ilan e Adam.

Avram, jovem, é todo amor, paixão, dor disparadora de inesgotável e incessante busca pelas palavras, cuja descoberta frenética em série, em meio ao caldo de agonia e dos prazeres de se gerar fonemas e letras, incita a alma, exige mais dela, mais precisão, mais detalhes, para imergi-la em uma infinita cadeia destinada a tocar, cercar e atingir a beleza lá fora, no mundo. Já o Avram do pós-cativeiro, do pós-estupro, é depressão e supressão de toda uma vida, não dando sinal algum da fonte do amor, das palavras: soterraram-se, secaram-se, ou perderam-se para sempre? Ele é só mudez, um marginal dócil da grande cidade, enquanto seu corpo avoluma-se e a alma só almeja fuga, descanso e nirvana, afagando-se, após o perambular-zumbi da vida da vigília, no sono outorgado pelas drogas da psiquiatria. Assim segue anos a fio, 25, talvez, sob a luz fraca da esperança ignorada de que alhures, em outra cidade, sob

os cuidados da amada (Orah) e do irmão de coração (Ilan), vicejaria seu menino, ressurgimento daquilo que ele fora para a própria mãe e que talvez possa lhe devolver alguma vida. Filho único, deixado pelo pai aos 8 anos, Avram evoca a mãe (falecida durante o serviço militar dele) em grito, minutos antes de sua captura pelos egípcios: ela era uma daquelas que, ao brincar, parava por último, deixando tal decisão, de dar fim ao jogo, ao menino: “saibam que essa virtude em uma mãe é uma força imensurável no menino para toda a sua vida!”.

Foi assim que liguei as coisas, com a força do ofício da escuta; não são explícitas no livro, mas inferidas de sua lógica interna. Ocorre que na viagem Avram cede, aos poucos, disposto a receber notícias do mundo do qual foi amputado: sobre o casal Orah e Ilan e os filhos que criaram, Adam e Ofer, isto é, da vida que jamais imaginara poder voltar a tocar; notícias de Ofer, o filho, seus passos de crescimento na extrema intimidade que travou com a mãe e no amor que cultivou para com o irmão Adam. Nessa viagem Avram está de volta: em analogia à Zoe da *Gradiva* de Jensen, que traz Hanold de volta à vida, ao amor (Freud, 1907/2015), Orah consegue, numa busca de cura própria, devolver palavras e amor a Avram. Ele emagrece, passa a dormir sem soníferos e recupera o desejo e a fala em meio a certa aceitação do amor e à eventualidade da perda do filho que jamais viu ou encontrou.¹⁰

10 Essa bela trama figura a articulação da febre passional, eufórica e maníaca de Israel após a vitória na guerra de 1967, iniciada pela ameaça de extermínio (intenção declarada dos inimigos: Egito, Síria, Iraque, Jordânia e Líbano), e da cegueira trágica que se instala após a conquista (anexando territórios que duplicam seu tamanho) com o trauma de 1973, quando 1,5 milhão de soldados egípcios e sírios surpreendem Israel, despreparada em virtude da arrogância. A depressão e a recuperação lenta continuam na nação, ao lado de sua cegueira. Porém, esse curso também figura a trajetória da libido, desde a paixão infantil, erguida na contramão do desamparo, passando pela elaboração da

Toda essa sã, porém não dita, preocupação que partilharam, temendo junto, há anos, pelo filho, por esse cervo (Ofer em hebraico) – delicado e terno mamífero –, abriga a intuição de que ele é demasiadamente vulnerável à guerra em vida, pois se encontra, como Avram, aninhado sob os mantos do amor materno, nos invólucros que lhe são ainda indispensáveis. No pós-escrito, Grossman reflete que iniciou a redação do livro em 2003, poucos meses antes do filho Uri se alistar para o exército, talvez com a vontade – melhor dizer, o desejo – de que o livro pudesse proteger o filho. Não deu!

Durante a leitura, a paciente notou a semelhança com *Indignação*, o belo livro de P. Roth, embora menos sofisticado que o de Grossman. Acabei incluindo *Indignação* nas leituras de verão. Ele foi publicado em 2008, como *A mulher foge*, e ambos foram editados no Brasil em 2009. Marcus, o jovem protagonista do conto de Roth, é um estudante judeu, um rapaz aplicado, bem como Ofer e o filho da paciente, mas abandona, em certo momento, a universidade local para continuar os estudos em outro estado. Isso porque o pai, que sempre esteve próximo e atento a ele, parece ter enlouquecido – louco de medo e apreensão pelos perigos da vida adulta, do mundo, que vê cercarem o filho querido por todos os lados. Tal premonição de uma má notícia (sentida aqui apenas pelo pai) confirma-se: por uma “única mancada”, um “único erro”, conforme o tocante lamento da paciente, Marcus é afastado da universidade, o que, na época, significava o alistamento para a Guerra da Coreia, onde morre em 1952. Marcus fez tudo certo, direitinho, mas não era capaz de se embrenhar na maldade, da qual a castração nos inteira, e que a vida impõe à inserção no universo social. Essa falta de imunidade da qual sofre o engajamento comunitário, em franco contraste com o da individualidade na esfera social (Max Weber),

sexualidade, em formação sob a depressão, até o ressurgimento deste torno da espiral na adolescência e ao longo de toda a vida.

torna o ser vulnerável, desprevenido dos meandros e males do comércio cultural.

Para interromper, finalizando

A violência é passível de convocar, na situação favorável, a depressão, que, em função de seu resguardo e de sua garantia de meio de elaboração da sexualidade, suprime e silencia, por décadas a fio, as palavras, a fala. O resgate desta, consequência dessa elaboração depressiva, é sempre parcial, como o é no caso da paciente e de Avram. A sexualidade, com sua estruturação em torno do falo e a prova da castração que impõe, tem sido marginalizada nas discussões clínicas atuais em prol da vigilância da maquinaria de relações – operações e objetos – e da ocupação excessiva, obsessivamente incestuosa, com o vaivém das movimentações ditas transferências e seus contras. Preocupa-nos este ímpeto que pede domínio, insistindo em flagrar o inconsciente – concessão ao trabalho de morte da pulsão – para ofuscar a carência em atentar para a vida, para o desafio do sexual ante a castração, a alteridade.¹¹ Neste caso, trata-se do desejo feminino. Ao expor parte do roteiro da travessia analítica junto à paciente, espero ter tornado clara sua conquista sublimatória. Freud traça o trajeto penoso da feminilidade, travado entre a moção concêntrica (Schaffa, 2009), de identificação, em direção a mãe (e desta com a menina, “puxando-a para o fundo de si”), e a força contrária – centrífuga –, para fora, oriunda do movimento estruturante do falo: assim, a feminilidade, como identificação, articula um polo de recuo a um outro, estrutural progressivo, em que a menina passa a ocupar, imaginariamente, o lugar de falo para a mãe, o pai e o objeto, e a reivindicá-lo para

11 Crítica já feita há anos em nosso meio, com outras palavras, pelo consagrado Fábio Hermann.

si – o falo deslocando-se para o outro, o homem e o filho – e aceitar poder perdê-lo.

Convenhamos, não é coisa fácil! Ainda mais quando todo esse trabalho é ministrado sob os auspícios do inconsciente do adulto, e de suas carências sexuais e infantis. Caso estas o impeçam de enxergar e velar pela criança, a última recorre, em parte, ao refúgio da morada narcísica primária, estética – terreno defensivo de idealização alucinatória –, do qual se recorta, pela identificação imaginária, o falo, destacando-se como apoio ao investimento de amor e sua sobrevalorização imaginária; estágio, fonte da grade terna sexual, que é indispensável à trajetória fálica em direção à castração. O pai carente fixou a paciente em tal sobrevalorização, e, de um lado, ela se tornou prisioneira da demanda insaciável de ternura da “criança no adulto”, e, de outro, tal cobertura privou em parte sua prole dos benefícios da castração, ampliando uma série geracional de sujeitos comunitários que sociólogos e antropólogos (Weber, Lévi-Strauss etc.) focaram em grupos, e que para nós revelam uma espécie de insuficiência imunológica psíquica. Marcus e Avram, os respectivos personagens de Roth e Grossman, são seus exemplos, bem como o marido e o filho da paciente. Orah, de *A mulher foge*, recusa, desde o início, eleger Avram como seu amante prioritário, optando por Ilan, pois Avram ocupa o lugar de alma gêmea, confidente sensível absoluto, substituto da amiga Ada, seu vaso comunicante amoroso de seus anos de latência e puberdade, que morre atropelada aos 14 anos. Intimidade em fascínio fálico especular que se desdobra entre Orah e Ofer (o filho dela com Avram), bem como na relação da paciente com o filho.

Penso que a paciente teve maior simpatia pela trama de Roth porque é o pai que se apavora, delira, ante a eventualidade de perder o filho. Ela já havia me dito que jamais conseguiria gostar de um homem que não traria visivelmente a marca de um menino.

Certa noite, na volta do teatro, ao se prepararem para dormir, o casal assiste pela janela, no prédio de frente, um homem que ensaia um gesto de se jogar janela abaixo, enquanto a mulher, “sua mãe ou sua esposa” (diz ela), discute com ele. O marido pede que ela abaixe a cortina e reclama que ela tem o dom de atrair tais desgraças.¹² Semanas depois, ela reclama que não entende por que o marido, como outros homens, tem dificuldade em admitir a preocupação com o próprio filho. “Seu filho não chegou ainda”, exaspera-se ele junto a ela, quando o filho atrasa à noite. Essa delegação da admissão do amor e da preocupação com o filho/falo assinala uma cura.¹³ O que me obriga a responder, no que me concerne, sobre como isso tudo reverbera em mim, seu interlocutor/analista, homem (e seu menino). Antes, porém, e associado a essa expectativa, vale completar, em relação à abertura dessas considerações, que o valor do falo se divide de modo diferente entre menina e menino, mulher e homem.

A moção centrípeta, da fuga, do narcisismo primário, é comum à situação primária do homem ao nascer em violência do corpo em falta. Porém, a identificação concêntrica da mãe à menina coloca uma variante no trabalho em torno do falo. Como tentei ilustrar no Prefácio, na mulher o falo tende, predominantemente, a uma elaboração narcísica centrípeta – “trazê-lo até mim, para dentro de mim” –; já no homem, o alvo fálico, de defesa narcísica, esse movimento é, em grande parte, centrífugo: erguê-lo alhures,

12 O que me põe a rir, pois, obviamente, não é ela que atrai essas situações, mas são tais cenas, contendo essa precisa ambiguidade entre mãe ou mulher, que a absorvem e instigam.

13 A passagem de uma angústia narcísica, de temer pela “criança no adulto”, ao invés de o adulto temer pela criança, por poder perdê-la, configurando uma angústia de desejo, em torno da castração, assinala uma mudança central e significativa na paciente: ela reivindica, como afirma Lacan, a *père-version*, a perversão própria ao pai, versão que desloca o eixo narcísico em direção ao desejo, à castração.

ali, lá fora. Sei que essa discussão toca no barril de pólvora. Contudo, a título de ilustração de tal constelação, trago o belíssimo livro *O amor dos começos* (1986), que inicia Pontalis em um gênero psicanalítico que, até sua última obra (sobre a amizade), abriga o seguinte mote: “meu pai me deixou cedo [com 10 anos], mas não a sua companhia. Esta persiste em meu mundo junto aos outros, e a isto credito o fato de ter me dado razoavelmente bem [*pas mal*] na vida, ao passo que minha mãe era, em parte, alheia a mim; marcou meu erotismo de uma nostalgia inquietante, perene”. A diferença do lugar do menino na mulher e no homem ilustra-se em uma cena recente que a paciente traz: os homens (avô, filho e genro) estão na sala em volta de uma mesa, enquanto o neto, com pouco mais de um ano, roda entre eles, quando esbarra, bate a cabeça, na mesa e chora. Ela, aflita, corre para socorrê-lo, e sua filha vem logo atrás, enquanto eles, os homens, acolhem o menino com uma afável “bronca”: “o que é isso, menino?! Homem não chora, corintiano...”.

A paciente interroga então o homem/pai – a responsabilidade dele sobre a assunção do menino e sua perda –, marca de cura anunciada, e me reivindica, como se diz, na transferência: “E você, como está? E quanto a minha alta? O que me diz?”, despertando meus contras, ou – na precisa tradução de Pontalis (1990, *A força de atração*) – meus *com*-transferências.¹⁴ Poucos meses antes do nascimento de seu neto, eu adentrava uma crise que incidia, como passei a reconhecer, no amor ao menino. No final de 2009, teriam se passado quatro décadas desde a morte do meu pai... Seguindo essas dicas, passo a descrever o final do meu sonho: na saída da exposição das estátuas do pai e filho frente ao mar (sob céu encoberto), deparo-me com um precipício que se abre entre as rochas,

14 Pontalis destaca no termo alemão de contratransferência (*Gegenübertragung*) a contraparte (no analista) da transferência do paciente, ou seja, o estar *com*, acompanhar, porém *estando do outro lado*.

sobre as quais me encontro, e lá embaixo, na areia da praia enso-larada, uma bela e atenciosa mulher, curadora do lugar, acena-me para a saída; ela empurra, de lá de baixo, uma coluna móvel, cuja extremidade, que devo agarrar para deslizar sobre o eixo (da colu-na) em direção à areia, é feita da maquete das figuras do pai e do filho, os dois fechando-se e unindo-se um sobre o outro. Acordo com e na angústia! A junção entre pai e filho, como amor/apoio ante o abismo que me separa de uma figura feminina familiar – associada a uma das belas e bondosas de minha infância –, traz o sol para a cena. Uma esperança, quem sabe, diante do precipício do terror no fantasma de uma mãe, a minha, da ameaça da perda de seu último menino numa série de filhos (perda que, de fato, acometeu só meninos) e que lançou uma sombra, ao que tudo indica, em meu caminho, que é, como o de todos, e sempre, o do amor.

Orah leva Avram para uma viagem semelhante a que a pacien-te nos impõe embarcar:¹⁵ assumir o menino dele/nele e encarar a sua eventual perda. Orah lamenta para Avram: “nós, que demos nascimento aos filhos, cuidamos, sofremos, amamos, conhecemos... Por que, antes mesmo de tê-los por inteiro, estamos prestes a perdê-los para o Estado, para a cultura, para a vida?”

Poderia a vida ter outro sentido senão que o mais precioso, apesar de jamais inteiramente alcançável, encontra-se em perigo de se perder? Assim, o falo e a castração movimentam-se, subjetivam a vida e lhe dão valor!

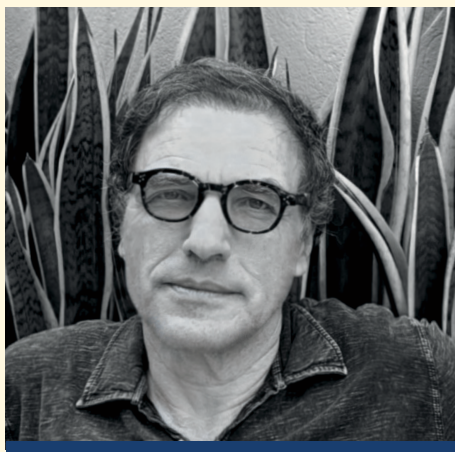
15 Sua cura, aqui, restabelece a troca entre o adulto e a criança onde antes havia confusão (Ferenczi, 1933/1974c), refletindo-se na transformação do terror e do susto (*Schreck*) pela perda da criança em um sinal de angústia, que coloca em marcha a rede simbólica às voltas com a falta na castração (Freud, 1916-1917/1976).

Referências

- Bion, W. R. (1967). Notes on the theory of schizophrenia. In W. R. Bion, *Second thoughts*. London: Heinemann. (Trabalho original publicado em 1953)
- Bollas, C. (2000). *Hysteria*. London: Routledge.
- Delouya, D. (2002). *Depressão, estação psique: refúgio, espera, encontro*. São Paulo: Escuta.
- Fédida, P. (2001). *Des bienfaits de la dépression*. Paris: Odile Jacob.
- Ferenczi, S. (1974a). Le rêve du nourrisson savant. In S. Ferenczi, *Oeuvres complètes* (Vol. 3). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1923)
- Ferenczi, S. (1974b). Analyses d'enfants avec des adultes. In S. Ferenczi, *Oeuvres complètes* (Vol. 4). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (1974c). Confusion de langue entre les adultes et l'enfant. In S. Ferenczi, *Oeuvres complètes* (Vol. 4). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1976). Introductory lecture XXV: Anxiety. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 1). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1916-1917)
- Freud, S. (2002). Mental treatment [Soul treatment]. In S. Freud, *Psychoanalytical treatment essays, 1890-1938*. Tel-Aviv: Am Oved. (Trabalho original publicado em 1890)
- Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)

- Freud, S. (2010b). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2014). *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1934-1938)
- Freud, S. (2015). O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 8). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2018). A cisão do eu no processo de defesa. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 19). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939)
- Grossman, D. (2009). *A mulher foge*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 2008)
- Klein, M. (1975). A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. In M. Klein, *Writings of Melanie Klein* (Vol. 1). London: The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1934)
- Meltzer, D., & Williams, M. H. (1988). *The apprehension of beauty*. Perthshire: Clunie Press.

- Pontalis, J-B. (1986). *L'amour des commencements*. Paris: Gallimard, 1994.
- Pontalis, J-B. (1990). *La force d'attraction*. Paris: Seuil.
- Roth, P. (2009). *Indignação*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 2008)
- Schaffa, S. (2009). Medeia, o feminino. *J. Psicanálise*, 42(76), 51-63.
- Winnicott, D. W. (1988). A reparação em função da defesa materna organizada contra a depressão. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1948)
- Winnicott, D. W. (1990). The value of depression. In D. W. Winnicott, *Home is where we start from*. New York: Norton. (Trabalho original publicado em 1963)



Daniel Delouya

É psicanalista e membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Foi presidente da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) entre 2015 e 2017. É autor de cinco livros, entre os quais *Depressão, estação Psique* (Escuta, 2002) e *Torções na razão freudiana* (2. ed., Blucher, 2019). Atualmente, dedica-se à pesquisa sobre os desdobramentos do trabalho analítico nas problemáticas culturais e políticas.

série

Escrita Psicanalítica



Coord. Marina Massi

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-311-0



9 786555 063110



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Análise, Teimosia do Sintoma e Migração

Daniel Delouya

ISBN: 9786555063110

Páginas: 344

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021

Peso: 0.375 kg
